

**MEMÓRIAS EM DISPUTA: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O
PASSADO POR MEIO DE IMAGENS GERADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
GENERATIVA**

**MEMORIES IN DISPUTE: THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE ABOUT THE
PAST THROUGH IMAGES GENERATED BY GENERATIVE ARTIFICIAL
INTELLIGENCE**

**MEMORIAS EN DISPUTA: LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO SOBRE EL
PASADO MEDIANTE IMÁGENES GERADAS POR INTELIGENCIA ARTIFICIAL
GENERATIVA**

Talita Souza Magnolo¹
Maurício João Vieira Filho²

Resumo: Como pensar as novas possibilidades de rememoração a partir de questionamentos e reflexões que buscam explorar os vieses das representações do passado feitas pela Inteligência Artificial (IA)? Esta pergunta conduz as discussões deste artigo cujo objetivo é refletir e analisar imagens que foram total ou parcialmente geradas por programas de IA Generativa e que remetem, em algum aspecto, ao passado. Para tanto, mobilizam-se pesquisas dos estudos de memória, da teoria da imagem e da IA com vistas a avançar pelas novas facetas de re(construção) do passado de forma crítica. Considera-se especialmente, as problemáticas que envolvem a opacidade de dados de treinamentos de máquinas, as disputas de poder pelas *Big Techs* e a perpetuação de vieses sexistas, racistas, étnicos, religiosos e históricos por parte da IA Generativa. Por meio de cinco categorias analíticas (Lembrar/Celebrar; Imaginários do passado; Resignificar; Erros Algorítmicos; Erros históricos) em imagens), percebe-se, neste estudo inicial, que o uso da IA Generativa para representar o passado oscila entre as possibilidades imaginativas para ressignificar aquilo que não é contado pela história oficial e a chance de falhas ou reforços das desigualdades historicamente presentes na sociedade.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa; memória; imagem; representação; vieses algorítmicos.

Abstract: How can we think about new possibilities of remembrance based on questions and reflections that seek to explore the biases of the representations of the past made by Artificial Intelligence (AI)? This question guides the discussions in this article, which aims to analyze and reflect on images that have been totally or partially generated by Generative AI programs and that refer, in some way, to the past. To achieve this, the study draws on memory studies, image theory, and AI research, critically examining new facets of (re)constructing the past. It pays particular attention to issues related to the opacity of machine training data, power disputes among *Big Tech* companies, and the perpetuation of sexist, racist, ethnic, religious, and

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: talita.magnolo@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com

historical biases in AI-generated content. Through five analytical categories (Remember/Celebrate; Imaginaries of the Past; Re-signification; Algorithmic Errors; Historical Errors in Images), this initial study shows that the use of Generative AI to represent the past oscillates between imaginative possibilities to re-signify what is not told by official history and the chance of failure or perpetuation of inequalities historically present in society.

Keywords: Generative Artificial Intelligence; memory; image; representation; algorithmic biases.

Resumen: ¿Cómo pensar las nuevas posibilidades de rememoración a partir de cuestionamientos y reflexiones que buscan explorar los sesgos de las representaciones del pasado realizadas por la Inteligencia Artificial (IA)? Esta pregunta guía los debates de este artículo, cuyo objetivo es reflexionar y analizar imágenes que han sido total o parcialmente generadas por programas de IA generativa y que, en algún aspecto, remiten al pasado. Para ello, se movilizan investigaciones de los estudios de la memoria, la teoría de la imagen y la IA con el fin de avanzar críticamente por las nuevas facetas de la (re)construcción del pasado. Se consideran especialmente las problemáticas que rodean la opacidad de los datos de entrenamiento de las máquinas, las disputas de poder por parte de las grandes tecnológicas y la perpetuación de sesgos sexistas, racistas, étnicos, religiosos e históricos por parte de la IA generativa. A través de cinco categorías analíticas (Recordar/Celebrar; Imaginarios del pasado; Reinterpretar; Errores algorítmicos; Errores históricos en imágenes), se percibe, en este estudio inicial, que el uso de la IA generativa para representar el pasado oscila entre las posibilidades imaginativas para reinterpretar lo que no cuenta la historia oficial y la posibilidad de fallos o refuerzos de las desigualdades históricamente presentes en la sociedad.

Palabras clave: Inteligencia artificial generativa; memoria; imagen; representación; sesgos algorítmicos.

1 INTRODUÇÃO

Será que sabemos as reais consequências das relações que estão sendo estabelecidas entre Inteligência Artificial (IA) e a (re)construção da memória por meio da geração de imagens? Para Nora (1997), a memória é um ato humano de resistência. Hoje, diante da emergência de novas tecnologias, deparamo-nos com diferentes criações, reconstruções e rememorações desenvolvidas por meio do uso da IA em fotografias, ilustrações, vídeos e outras materialidades comunicacionais.

Com certa frequência, a IA é associada ao *machine learning* (aprendizagem de máquina) e ao *deep learning* (aprendizagem profunda), e, principalmente ao futuro. Porém, é preciso explicar que as pesquisas em IA são muito mais amplas e abrangem uma variedade de teorias e tecnologias (Boden, 2020). Ao tematizar a IA, portanto, é necessário considerar o espectro de domínios que englobam a vida artificial, o raciocínio automatizado (Santaella, 2023), a computação bioinspirada (Lee, 2019), a mineração de conceitos e de dados (Faustino & Lippold, 2023), agentes e controles inteligentes (Coeckelbergh, 2023), representação de conhecimentos, robóticas baseadas em comportamentos e cognição (Boden, 2020), entre outros campos. No entanto, e a memória? Em que espaço ela se apresenta e se encaixa em uma sociedade que está acostumada a relacionar a IA ao futuro?

Em julho de 2023, a fabricante de carros Volkswagen reacendeu alguns debates sobre questões relacionadas à memória ao utilizar a técnica de *deepfake* para construção de um comercial comemorativo da marca. Para tanto, trouxeram Elis Regina “de volta à vida” em um comercial cujo apelo às emoções se fez presente por colocá-la em um dueto junto à filha, a cantora Maria Rita (Gabellini, et al., 2024). No mesmo ano, a IA contribuiu para decifrar um pergaminho de 2000 anos (Oliveto, 2024). Na música, os *Beatles* lançaram uma canção inédita graças à recuperação da voz de John Lennon via técnicas generativas (Carvalho, 2023). Outro exemplo foi o “retorno aos palcos” do cantor Elvis Presley por meio da criação de um holograma (Época Negócios, 2024). Esses casos evidenciam aproximações entre a tentativa de resgate e reconstrução dos passados por meio de sistemas tecnológicos capazes de abreviar o tempo, os esforços humanos e, sobretudo, reviver virtualmente quem já faleceu.

Existem diferentes formas de se olhar para uma imagem. Para Burke (2017), a imagem pode ser considerada uma evidência histórica. Já para Aumont (1993), a produção de imagens jamais será algo “gratuito”, uma vez que são fabricadas para usos individuais e coletivos, sendo assim, a vinculação da imagem com o domínio simbólico, sobre o qual estuda Bourdieu (2021), faz com que ela esteja em situação de mediação entre o espectador e a realidade. Para Gombrich (1999), a imagem não pode ser caracterizada tão somente pela capacidade de representar a forma exterior, ou seja, deve ser considerada a função acima da forma. Domenech (2011), por sua vez, defende a importância daquele que se depara com a imagem, pois é ele quem dará o significado social e cultural.

Essas possibilidades, somadas às técnicas para gerar gestos faciais e renderização de imagens em vídeos, estão sendo usadas com mais frequência para eternizar personalidades e ressignificar acontecimentos do passado. É um momento paradoxal. Ao mesmo tempo em que existe um temor sobre esse tipo de movimentação por parte das plataformas, não estamos dispostos a abdicar das facilidades pragmáticas e recompensas psíquicas que os nossos aparelhos digitais nos fornecem (Santaella, 2023). Estamos sendo digitalmente (re)modelados. Hoje, um dos usos mais controversos dentro do campo da IA é a técnica de *deepfake*, que tem tornado a identificação de edição ou manipulação de imagens e vídeo cada vez mais difícil.

Essa revolução tecnológica traz implicações psicológicas, culturais, éticas, sociais e históricas, que podem ocasionar diferentes problemas como campanhas de desinformação, desconfiança e, conseqüentemente, perda de credibilidade pelos meios midiáticos. Além disso, é possível inferir que as imagens geradas e/ou manipuladas produzem controvérsia por conta do aspecto artificial, que seria capaz de gerar “realidades ilusórias”. Vivemos em um mundo onde nossa relação com a realidade e a autenticidade muda em virtude da manipulação digital. Sendo assim, é possível pensar a questão da *deepfake* a partir das provocações de Benjamin (2012), iniciadas nos anos 1930, quando argumenta que, por meio de recursos como a fotografia e o cinema, a reprodutibilidade técnica alterou fundamentalmente a relação das pessoas com as imagens.

Mesmo na reprodução mais perfeita, haverá um elemento ausente, chamado por Benjamin (2012) de “o aqui e agora da obra de arte”, ou seja, a existência única, a aura, aquilo que dá a sensação de singularidade e autenticidade (Benjamin, 2012). Dessa forma, a análise do filósofo sobre a reprodutibilidade técnica há quase um século ressoa no contexto atual das *deepfakes*, especialmente em casos que

representam ou resgatam o passado de alguma maneira, na tentativa de saciar o desejo de proximidade temporal com um passado que não se pode recuperar.

Ao partir desse contexto, questionamos: como pensar as novas possibilidades de rememoração, por meio de questionamentos e reflexões que buscam explorar os vieses das representações do passado feitas pela IA? Essa questão se torna ainda mais significativa diante do fenômeno da memória coletiva, pensado por Halbwachs (2006), capaz de potencializar a relação afetiva com imagem e a construção do passado ali representada. Sendo assim, partimos do argumento de que a IA simboliza um novo momento para os estudos relacionados à reconstrução e à recuperação da memória, quando se trata da criação de novas representações do passado.

No entanto, é importante considerar, conforme Coeckelbergh (2023), que a máquina perpetua vieses em virtude do treinamento de dados tendenciosos e discriminatórios que recebe, questões estas que estão na base da sociedade e que formam a cultura. É válido e urgente pensar em regulamentação, entretanto, mesmo que discussões sobre o tema cresçam em todo o mundo, existem barreiras opacas e nebulosas em virtude dos sistemas internacionais, materializados pelas *Big Techs*, que restringem, portanto, a garantia de conformidades e as questões relacionadas à transparência, por exemplo.

Neste artigo, o objetivo é refletir e analisar imagens que foram total ou parcialmente geradas por programas de IA Generativa e que remetem, em algum aspecto, ao passado. Para isso, a reflexão se direciona para quais estão sendo as novas formas de (re)construir a memória coletiva da nossa sociedade, compreendendo, em especial, as problemáticas que envolvem a opacidade de dados de treinamentos de máquinas, as disputas de poder pelas *Big Techs* e a perpetuação de vieses sexistas, racistas, étnicos, religiosos e históricos por parte da IA Generativa.

A relevância desta pesquisa se dá ao lançar olhares para formas mais rápidas e imprecisas de elaborar representações do passado, que obedecem à lógica preconceituosa e violenta da sociedade ocidental. A criação de imagens geradas por IA Generativa pode impactar a maneira como lembramos e representamos o passado, ao dar origem a riscos de distorção histórica e à perpetuação de vieses sociais. Esses riscos evidenciam a necessidade de um olhar crítico para o uso de IA Generativa, especialmente em contextos de memória e identidade coletiva. Ao gerar *deepfakes* ou representações históricas, a IA Generativa reproduz realidades, mas insere interpretações que podem alterar a percepção pública e a herança cultural.

Após essa introdução, o artigo está dividido em outras três seções. Primeiro, memória e IA, em especial os sistemas generativos, são discutidas com o intuito de notar as aproximações entre os fenômenos e as disputas que emergem com questões sobre os usos das tecnologias e as (re)significações do passado. Em seguida, desenvolvemos um caminho metodológico para analisar imagens geradas com uso de IA Generativa e, para tanto, apresentamos cinco categorias. Com essas categorias, conseguimos entender como a incorporação de tecnologias às representações do passado ou às criações de memórias podem ser potentes ou prejudiciais para a sociedade. Por fim, apresentamos considerações sobre o trabalho com os principais destaques deste trabalho e as aberturas para outros estudos.

2 APROXIMAÇÕES E DISPUTAS ENTRE MEMÓRIA E INTELIGÊNCIA

ARTIFICIAL

Por definição, a IA é a suposta inteligência demonstrada por máquinas ao executar tarefas associadas a seres inteligentes. Também se trata de um campo de estudo acadêmico, no qual o principal objetivo é executar funções de modo autônomo (Regis, 2012). Por ser um conceito abrangente, a IA recebe diferentes definições quanto aos significados e à palavra inteligência (Kastrup, 1997), sendo possível considerar algumas características básicas, como a capacidade de raciocínio, aprendizagem, reconhecimento de padrões e inferência, ou seja, a capacidade de conseguir aplicar o raciocínio nas situações do nosso cotidiano.

Historicamente, os modelos de IA visavam reproduzir o pensamento humano (Boden, 2020). No entanto, esses modelos abraçaram a ideia de reproduzir capacidades humanas como criatividade, autoaperfeiçoamento, uso da linguagem e ação de rememorar. A reconstrução digital da imagem e da voz de pessoas falecidas, por exemplo, já foi utilizada em diferentes situações pelo cinema e pela publicidade, e, a cada dia, é feita por pessoas comuns, que têm criado imagens, vídeos e textos por meio de aplicativos. Apesar da ampla utilização como humor ou para “dar vida” a imagens estáticas, um dos problemas decorrentes desse uso é a influência para fins antidemocráticos que tem sido ressaltada em contextos polarizados politicamente, como no Brasil.

Esse cenário fez com que, no final de 2023, Estados Unidos, China, União Europeia, Brasil e outros países assinassem a primeira declaração mundial sobre riscos da IA, que objetivava promover discussões sobre a segurança do uso da IA. Também, em dezembro do mesmo ano, foi divulgado o decreto n.º 11.856, que instituiu a Política Nacional de Cibersegurança e o Comitê Nacional de Cibersegurança, no Brasil (Decreto n. 11.856, 2023). Outra ação governamental anunciada foi o acordo considerado pioneiro para o debate protagonizado pelo Parlamento e Conselho Europeu sobre a regulamentação da IA (Reuters, 2023). Nos últimos anos, no Brasil, diferentes projetos de lei foram propostos para tratar as questões em torno do avanço das tecnologias. Entre os mais de 50 em andamento no parlamento, o projeto de lei n.º 2.338/2023 é considerado, no Legislativo, a iniciativa mais avançada sobre a regulamentação da IA (Câmara dos Deputados, 2023).

Embora existam tentativas de controlar os avanços da IA e de estabelecer medidas de segurança para os usuários, devemos nos atentar também a crescente virtualização da memória. Essa realidade se impôs desde a década de 1990 com o surgimento da internet comercial e a posterior consolidação da *Web 2.0*. Essa virtualização trouxe alguns desafios que ainda estão sendo superados, principalmente no que tange à veracidade dos fatos, tais como a existência de *deepfakes* e desinformação. E eis que surge um novo desafio para os processos da memória: a IA Generativa. Enquanto nova realidade em nosso cotidiano, ela afeta diretamente os mecanismos da nossa memória, a partir do momento em que cria conteúdos que podem alterar os fatos e impô-los como narrativa. Para além das possibilidades de rememoração, devemos pensar, ainda, como lidar com os problemas que a IA traz para os processos de lembrança e esquecimento, que influenciam diretamente a percepção da sociedade sobre o passado.

Enquanto fenômeno social, a memória pode ser considerada individual ou coletiva e, portanto, comporta-se como produtora de conhecimentos, cultura e história que pertencem originalmente ao seu povo (Huysen, 2000). A memória, assim, é reconstituída por diversos fragmentos, sejam eles documentos, fotos,

vídeos, imagens, arquivos e outras fontes capazes de guardar resíduos e rastros do passado. Dessa forma, “a memória passa a ser compreendida como parte das trocas simbólicas e culturais no seio de uma sociedade, dando-lhe uma ancoragem no coletivo, em uma comunidade à qual o indivíduo se vincula por meio da experiência” (Amormino, 2024, p. 19).

A criação e valorização de acervos, bem como o fortalecimento e o surgimento de diferentes lugares de memória (Nora, 1997), contribuiu para que o passado e a nossa história fossem repensados, ressignificados e acrescentados à história oficial. Como exemplo, pode-se mencionar os museus dedicados ao Holocausto, na Alemanha e na Polônia, bem como a criação das Comissões Nacional e Municipais da Verdade, no Brasil, o Museu das Favelas e o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, entre outros, que utilizam espaços físicos para reconstruir o passado.

A IA Generativa tem a capacidade de reconstruir o passado por meio de algoritmos avançados, que podem analisar e interpretar uma grande quantidade de dados históricos, textos, imagens e registros para preencher lacunas e recriar contextos históricos que antes eram desconhecidos. O pesquisador sueco Timotheus Kampik desenvolveu, em 2022, um estudo no qual defende que computadores equipados com IA podem revisar conclusões passadas (Kampik, 2022). Nesse trabalho, ele busca demonstrar que as máquinas não apenas raciocinam e tomam decisões de forma semelhante aos humanos, mas também possuem a capacidade de reavaliar conceitos previamente estabelecidos. Segundo a pesquisa, esse processo de revisão constante influencia os próprios indivíduos, que estão continuamente ajustando as próprias visões de mundo e substituindo concepções anteriormente consideradas verdadeiras ou desejáveis por outras (Kampik, 2022).

Kampik (2022) argumenta que essa abordagem tornaria as máquinas menos determinadas na reavaliação de fatos relevantes, impedindo-as de hesitar quando são expostas a novas informações sem efetivamente incorporá-las. Estudos como o de Kampik levantam questões sobre as limitações éticas, técnicas, criativas e históricas das tecnologias de IA. Nessa via, Matteo Valleriani, do Instituto Max Planck, em Berlim, destaca que tal processamento conclusivo exigiria interpretações algorítmicas complexas, ao abranger tipografias, linguagem, siglas, dialetos e outros elementos fundamentais para a compreensão contextual (MIT Technology Review Brasil, 2023).

Ao reconstruir narrativas textuais e visuais, a IA Generativa permite que tenhamos outra compreensão de eventos históricos, culturas perdidas e sociedades antigas. Essa reconstrução pode fornecer percepções sobre como chegamos aonde estamos hoje, além de preservar e transmitir a memória coletiva às futuras gerações. A IA Generativa é capaz de dar vida a figuras históricas, fazendo-as parecer como se estivessem interagindo conosco no presente. Ao examinar escritos, discursos e entrevistas gravadas, os algoritmos conseguem imitar vozes de personagens históricos, permitindo-nos ouvir as histórias com suas próprias palavras, tornando possível nos transportar de volta no tempo e testemunhar, em alguma medida, o desenrolar da história.

A partir disso, inferimos que a memória é um cenário de disputa que acontece no presente, mas sobre o passado, compreendendo, portanto, que as representações feitas pela IA têm impacto no presente e podem representar, inclusive, a mudança da opinião pública sobre determinado aspecto.

3 MÉTODO PARA PENSAR A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE O

PASSADO POR MEIO DE IMAGENS GERADAS POR IA

Ao partir do pressuposto que a IA, a aprendizagem de máquina, a realidade mista, virtual e aumentada, bem como a computação na nuvem e demais tecnologias persuasivas são, atualmente, constitutivas de uma cultura midiática cada vez mais virtualizada, é possível desenvolver estudos e pesquisas que coloquem em questão aspectos relacionados à história, à memória e à própria imagem. Neste artigo, propomos o desenvolvimento de dois passos metodológicos iniciais de uma pesquisa em andamento. O primeiro deles é o mapeamento de criações imagéticas que se enquadrem no escopo do estudo proposto. Não se trata de uma tentativa de esgotar os materiais existentes sobre o fenômeno, mas nos atentamos às produções desenvolvidas a partir de 2023 até a finalização deste artigo, em um contexto em que ferramentas generativas se alastram e adquirem usos massivos. Procedemos às buscas por meio da plataforma Instagram, dos sites de notícias e dos portfólios de artistas com palavras-chave combinadas como “arte” e “inteligência artificial”. Portanto, a busca feita foi direcionada para imagens que foram total ou parcialmente criadas com ferramentas de IA e que são representações de eventos, pessoas, fatos, lugares do passado.

Uma vez feito este mapeamento, a segunda etapa é analisar o conteúdo. Com o intuito de responder a essa questão, propomos a criação de categorias de rememoração. A seguir, apresentamos uma proposta de categorização. Este artigo é o pontapé na formulação de uma ideia de que a IA se comporta como um meio de rememoração e, como tal, apresenta potencialidades e riscos.

Apesar de ser considerado um método majoritariamente quantitativo, essa proposta de análise visa alcançar reflexões e caminhos para estudos de caráter qualitativo com a possibilidade de associar outros instrumentos de análise no mesmo estudo. Sanglard (2017) defende que este é um método muito pertinente para a área da comunicação e que suas possibilidades são inúmeras. O método, de acordo com Krippendorff (2004), é fundamentado na empiria; exploratório no processo; preditivo e inferencial. Sobre isso, Krippendorff (2004) defende a Análise de Conteúdo como técnica que parte de dados para formular inferências que podem ser reproduzidas e aplicadas ao contexto do que se analisa, permitindo extrair conhecimentos sobre os aspectos do material analisado e a apreensão dos elementos subjacentes da mensagem, do comportamento, do texto, da prática comunicativa.

Com essa perspectiva, trabalhamos com a enumeração das categorias: (1) Lembrar/Celebrar; (2) Imaginários do passado; (3) Resignificar; (4) Erros Algorítmicos e (5) Erros históricos. Entendemos que, a partir deste estudo e com a possibilidade de ampliar a pesquisa, eventualmente, serão pensadas novas categorias e, possivelmente, novas metodologias de análise.

Ao partir dessa categorização, uma primeira forma de representação do passado feita pela IA é o “Lembrar/Celebrar”. O jornalista Brunno Sarttori compartilha, no perfil do *Instagram*, diferentes criações e, uma delas, foi justamente uma homenagem feita aos 30 anos do programa “Castelo Rá-Tim-Bum”, da TV Cultura.

Figura 1 – Postagens de Brunno Sarttori.



Fonte: Captura de tela do *Instagram* @brunnosarttori (Sarttori, 2024).

Nesse caso, ao relacionarmos arte e memória, alguns aspectos precisam ser considerados, principalmente quando existe uma condição nostálgica aparente. O jornalista propõe a recriação de todos os personagens, evidenciando que as imagens são produzidas por IA Generativa. Juntamente à dimensão da imagem, há um texto em homenagem ao personagem e ao artista que o interpretou, como é o caso da bruxa Morgana, interpretada por Rosi Campos. Por acionar um programa de televisão que fez parte da infância de uma geração de pessoas, as imagens geradas evidenciam um ato de lembrança e celebração, de resgate de memórias afetivas e de retorno ao passado. Com a IA Generativa, o jornalista conseguiu renderizar imagens com qualidade superior às filmagens originais do programa, assim como incorporou uma estética onírica e fantasiosa, que se associa diretamente à história do programa de televisão.

Na segunda categoria, “Imaginários do passado”, um exemplo que se desponta na atualidade é o trabalho da artista visual Mayara Ferrão (Badauê, 2024), intitulado “Álbuns de Desesquecimentos”, projeto no qual ela usa a tecnologia de IA em fotografias e vídeos para imaginar e construir narrativas de afeto, protagonizadas por pessoas negras e indígenas.

Figura 2 – Imagem produzida por IA Generativa.



Fonte: Captura de tela da plataforma cultural Badauê (2024).

Trabalhos como este propõem discussões sobre a história do Brasil, ao evidenciar traumas e apagamentos historicamente situados pelo colonialismo e pelo racismo. Trata-se de uma forma de repensar o passado como uma fabulação cujo

intuito é imaginar passados que foram expurgados da história e exterminados junto às pessoas. Novamente, é possível pensar a IA como ferramenta que consegue materializar um pensamento crítico e estético pessoal da artista, carregando consigo, mensagem, sentido, conceito, emoção, denúncia e afeto. O resultado do trabalho carrega uma estética que remete ao desgaste de uma fotografia pelo tempo, com o granulado característico de capturas antigas e com personagens protagonistas cujas indumentárias e adornos remetem à cultura de povos ancestrais.

Nesse trabalho, é possível identificar a motivação por trás das criações de Mayara Ferrão, que vão ao encontro das condições violentas e estereotipadas em que pessoas negras e originárias, sobretudo, mulheres, conforme apontamos anteriormente, foram e são retratadas durante o período colonial brasileiro. De acordo com a artista, as mulheres são “marcadas nas imagens de arquivos públicos como figuras exóticas, servis e hipersexualizadas, correspondendo sempre ao olhar racista e sexista predominante na sociedade” (Badauê, 2024, resposta 3).

Figura 3 – Imagens produzidas por IA Generativa.



Fonte: captura de tela da plataforma cultural Badauê (2024).

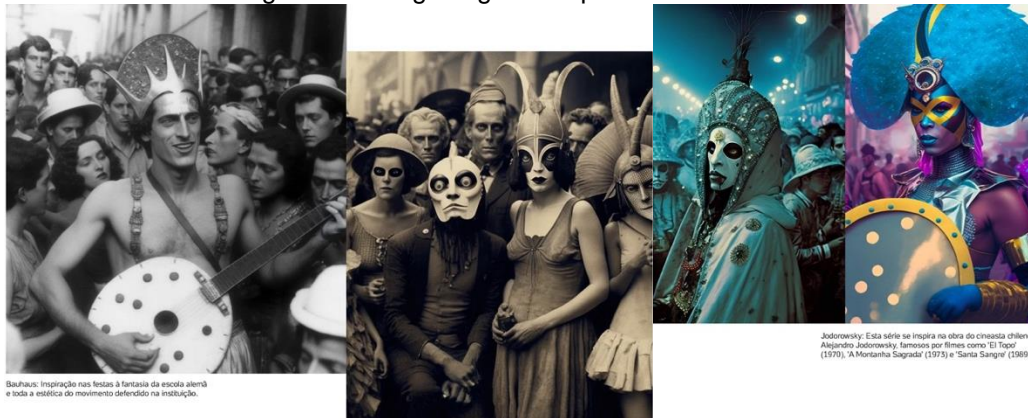
Portanto, imagens como estas dariam conta de preencher uma lacuna nas documentações históricas do Brasil, ao representar a troca de afetos, sob um viés amoroso. Porém, é importante reconhecer que essas lacunas na representação não significam que essas mulheres e esses amores tenham, de fato, existido, nem que suas histórias são inválidas, tornando-se um gesto especulativo do real.

Quando eu construo fotografias e documentos retratando mulheres negras e originárias expressando seus afetos em um contexto histórico colonial, eu estou tensionando uma narrativa de opressão, de silêncios, de violência, lacunas, e invisibilização que está escancarada nos arquivos fotográficos coloniais. Além disso, existe um convite para reimaginar e sonhar um passado que não nos favorece (Badauê, 2024, resposta 3).

Dentro desta categoria, podemos destacar o trabalho de Pedro Garcia com o projeto intitulado “Carnavais Artificiais”, em que envolve realidade e IA para criar carnavais imaginários. O fotógrafo considera que o trabalho seja uma “distopia com pé na realidade” e compara suas criações com a fotografia de rua, visto que grande parte das imagens nasce de fotos que foram feitas na rua em momentos de festa. Em outras palavras, Pedro Garcia usa os programas de IA Generativa para apresentar novos caminhos e lugares imprevisíveis. Além disso, é possível observar a retomadas de estéticas históricas em suas criações. Inferimos, assim, que a tecnologia aumenta a gama de possibilidades da expressão criativa do artista, abre

outros caminhos de criação,

Figura 4 – Imagens geradas por IA Generativa.



Fonte: captura de tela do site *Uol* (Portilho, 2023).

Ao pensar na categoria “Ressignificar”, o trabalho do fotógrafo André Lima pode ser destacado por conseguir, com uso de IA Generativa, recriar um cenário da favela nos anos 1960. É interessante observar que as imagens de André carregam consigo uma estética antiga, respeitando as cores do filme fotográfico da época e, até mesmo, a “falta de qualidade” da imagem. Outro exemplo foi a criação do fotógrafo de imagens da velha guarda do carnaval carioca, descendo as ladeiras do Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1960 e 1970. André destaca que se sentiu satisfeito com o resultado, pois conseguiu transmitir para a IA a sua identidade fotográfica. Essa conversão do que queria para a imagem gerada ocorre a partir de comandos textuais, interpretados pelos sistemas generativos, que produzem resultados a partir dos bancos de dados que os alimenta.

Figura 5 – Imagens geradas por IA Generativa.



Fonte: Captura de tela do site *Uol* (Portilho, 2023).

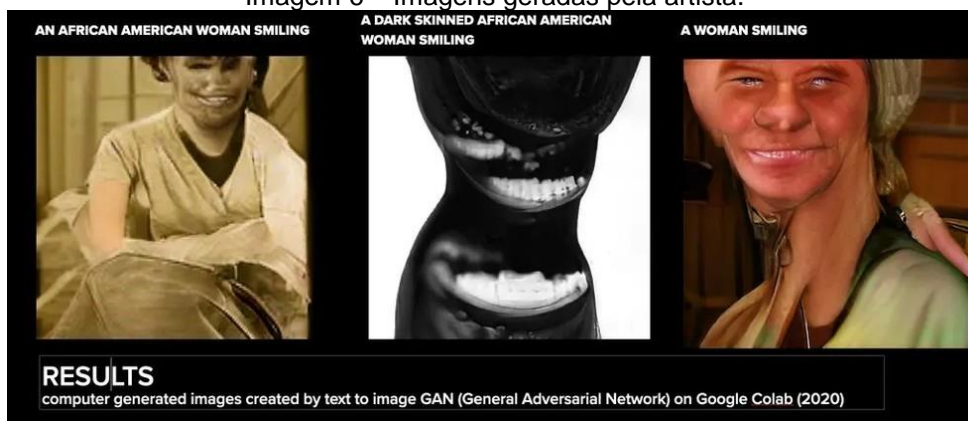
Notamos que a resignificação está diretamente relacionada ao contexto social, haja vista que, na história, esses grupos foram marginalizados e apagados do curso hegemônico. Essa releitura do passado traz outras camadas de alegria, de cores e de vida para contextos que foram sistematicamente colocados às margens.

Caminhamos para os “Erros algorítmicos”, entendidos aqui como imagens criadas por IA Generativa que perpetuam vieses ou imagens que não conseguiram ser geradas com exatidão aos comandos. Podemos exemplificar casos em que a IA gerou representações sexistas (Silva, 2022). Os estereótipos mais comuns, como

relacionar profissões poderosas a homens e as de assistente ou recepcionista às mulheres, estavam sendo perpetuadas pela IA Generativa.

Ainda há o viés racista presente nas ferramentas de IA. Os algoritmos têm o poder de perpetuar estereótipos e, conseqüentemente, a discriminação racial. A artista Stephanie Dinkins é uma das muitas artistas que combina arte e tecnologia. Em 2023, alguns experimentos da artista ganharam espaço na mídia internacional, quando ela compartilhou resultados de suas tentativas de retratar mulheres negras (Faustino & Lippold, 2023).

Imagem 6 – Imagens geradas pela artista.



Fonte: Captura de tela do site *O Globo* (Torres Menárguez, 2024).

Para Faustino e Lippold (2023), o capitalismo se estrutura em classes, em agrupamentos sociais divididos pela posição que ocupam na produção e na apropriação de riqueza produzida. “Bancos de dados que portam decisões racistas ao alimentar os sistemas algorítmicos de machine learning, como uma rede neural artificial, têm gerado padrões racializados e modelos racistas para tratar novos dados” (Faustino & Lippold, 2023, pp. 17-18). Portanto, a digitalização e a dataficação não eliminaram o racismo, mas o reproduziram e, em alguns casos, o expandiram pela gestão algorítmica das ferramentas digitais.

Figura 7 – Imagens geradas por IA.



Fonte: captura de tela do site *G1* (2024).

Por fim, um caso de “Erro Histórico” ocorreu quando o programa Gemini gerou imagens de soldados alemães de 1943, na imagem acima, à esquerda, ou quando o mesmo aplicativo gerou imagem dos fundadores da América. De acordo com o *G1* (2024), aparentemente, a ferramenta, ao incluir diversidade étnica e de gênero ao

gerar imagens, como forma de evitar problemas de discriminação e estereótipos comuns à IA, resulta em erros históricos e anacronismos. O *Google*, na época, reconheceu que o *Gemini*, sistema de IA Generativa da empresa, “apresenta imprecisões em algumas representações históricas” e que trabalhava para corrigir o problema (G1, 2024, parágrafo 4). Na imagem acima, é possível perceber que a tecnologia criou imagens de militares negros e de pessoas não brancas, que, historicamente, foram alvos do regime nazista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos o início de uma pesquisa em andamento na qual buscamos perceber as aproximações e os tensionamentos entre IA e memória. Apesar de os estudos sobre IA terem uma natureza transdisciplinar, as representações dadas aos sistemas tecnológicos, sobretudo aquelas que marcam o imaginário coletivo, são associadas ao futuro e à ficção utópica, com imagens futurísticas, oníricas e inventadas, com os avanços das máquinas sobre e substituindo a vida humana. Já a memória é interligada ao passado, aquilo que não volta e que os humanos conseguem registrar e disseminar para a posterioridade. Embora essas visões cristalizem os fenômenos no imaginário coletivo, os estudos de IA e memória evidenciam complexidades e perspectivas que extravasam tais limitações.

A partir da mobilização dos estudos de Nora (1997), Amormino (2024), Halbwachs (2006) e outros sobre a constituição da memória como questão cultural e dos estudos de Boden (2020), Coeckelbergh (2023), Santaella (2023) e outros sobre a IA e seus efeitos na realidade social, conseguimos notar pontos de intersecção e de disputas. Nesse sentido, podemos entender que a IA Generativa constitui um tipo de sistema tecnológico cuja capacidade de converter comandos textuais em outras materialidades linguísticas têm gerado debates sobre as aplicações e os modos de usá-la. Nessa pesquisa, selecionamos imagens geradas por IA Generativa por meio das quais conseguimos notar cinco ações possíveis de serem almejadas para tematizar passados:

- a) *lembrar/celebrar* — ocorre quando produções se direcionam ao resgate de símbolos do passado que geram nostalgia, têm ligações afetivas e impactam a vida de determinado público;
- b) *construir imaginários do passado* — com materiais gerados para dar outros significados às narrativas históricas e, com isso, expandir as memórias por meio de fabulações e gestos de criatividade;
- c) *ressignificar* — na mesma linha, é possível dar outros significados a histórias que não foram contadas ou que foram contadas por quem não as representa;
- d) *erros algorítmicos* — referem-se aos processamentos que geram produções deturpadas e destoantes dos comandos dados à ferramenta, cujos erros podem causar e intensificar violências;
- e) *erros históricos* — ocorrem quando os comandos dados ou os resultados gerados remetem a situações anacrônicas ou impossíveis de corresponderem à realidade.

Apostamos que essas categorias sejam úteis para outros estudos cujos objetivos analíticos sejam entender as conexões entre IA Generativa e memória. Mais que respostas conclusivas, as questões se multiplicam sobre as relações entre memória e sistemas generativos que tentam emular situações e imagens passadas.

Precisamos estar atentos e sintonizados aos mecanismos linguísticos e simbólicos da cultura e ao modo como as tecnologias se apropriam, pois, por estarmos imersos em construções culturais que repreendem e vulnerabilizam determinados grupos, apagam passados e perpetuam hegemonias, os algoritmos são treinados, coletam e reproduzem informações, que podem dar continuidade a determinadas narrativas históricas nos resultados gerados. Por outro lado, as possibilidades de criação permitem imaginar, repensar o passado e recriar significados por e para quem não teve, ao longo da história, possibilidade de dizer sobre si e seu passado.

REFERÊNCIAS

- Amormino, L. (2024). *A memória como gesto: um ato ético, estético e político* (1ª ed.). Fafich/Selo PPGCOM UFMG.
- Aumont, J. (1993). *A imagem*. Papirus Editora.
- Badauê. (2024, agosto 2). Inteligência Artificial, decolonialidade e coragem por Mayara Ferrão. *Badauê - Plataforma de Inovação Cultural Brasileira*. <https://alabadaue.com/mayara-ferrao-ia-decolonialidade-e-coragem/>
- Benjamin, W. (2012). O narrador: considerações sobre a arte de Nikolai Leskov. In W. Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas* (vol.1, pp. 213-240). Brasiliense.
- Boden, M. (2020). *Inteligência artificial: uma brevíssima introdução*. Editora Unesp.
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico*. Edições 70.
- Burke, P. (2017). *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. Editora Unesp.
- Câmara dos Deputados. (2023). *Saiba mais sobre a tramitação de projetos de lei: Projeto de Lei nº 2338*. <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233>
- Carvalho, B. (2023, 13 de junho). “Música final” dos Beatles foi feita com IA e será lançada em 2023, diz Paul McCartney. CNN Brasil. Recuperado 10 de março de 2026, de <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/musica-final-dos-beatles-foi-feita-com-ia-e-sera-lancada-em-2023-diz-paul-mccartney>.
- Coeckelbergh, M. (2023). *Ética na inteligência artificial*. Editora PUC Rio.
- Domenech, J. M. (2011). *A forma do real: introdução aos estudos visuais*. Summus.
- Decreto n. 11.856, de 26 de dezembro de 2023. (2023, 26 dezembro). *Diário Oficial da União*. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.856-de-26-de-dezembro-de-2023-533845289>.
- Época Negócios. (2024). Elvis voltará aos palcos em 2024 graças à inteligência

artificial. Recuperado em 1 de dezembro de 2024, de <https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2024/01/elvis-voltara-aos-palcos-em-2024-gracas-a-inteligencia-artificial-entenda.ghtml>.

Faustino, D. M., & Lippold, W. (2023). *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. Boitempo Editorial.

G1. (2024, 22 de fevereiro). Google pausa geração de imagens do Gemini após IA apresentar erros raciais e históricos. *G1*. Recuperado 10 de março de 2026, de <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/22/google-pausa-geracao-de-imagens-do-gemini-apos-ia-apresentar-erros-raciais-e-historicos.ghtml>

Gabellini, L., Vieira Filho, M. J., & Procópio, M. R. (2024). Dilemas contemporâneos da inteligência artificial: Narrativa, ética e emoção no comercial “Volkswagen 70 Anos Gerações”. *Revista GEMInS*, 15(1), 165-187. <https://doi.org/10.14244/2179-1465.RG.2024v15i1p165-187>

Gombrich, E. (1999). *A história da arte*. LTC.

Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. Centauro.

Huysen, A. (2000). *Seduzidos pela memória*. Aeroplano.

Kampik, T. (2022). *Principle-based non-monotonic reasoning-from humans to machines* [Tese de doutorado, Umeå University].

Kastrup, V. (1997). *A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Krippendorff, K. (2004). *Content analysis: An introduction to its methodology* (2ª ed.). Sage Publications.

Lee, K.-F. (2019). *Inteligência artificial: Como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos* (1ª ed.). Globo Livros.

MIT Technology Review - Brasil. (2023, abril 28). *Como a Inteligência Artificial está ajudando os historiadores a entender melhor o nosso passado*. *MIT Technology Review*. <https://mittechreview.com.br/como-a-inteligencia-artificial-esta-ajudando-os-historiadores-a-entender-melhor-o-nosso-passado/>

Oliveto, P. (2024, 21 de abril). Inteligência artificial ajuda a decifrar o passado. *Correio Brasiliense*. Recuperado em 16 de julho de 2024, de <https://www.correiobrasiliense.com.br/ciencia-e-saude/2024/04/6841426-inteligencia-artificial-ajuda-a-decifrar-o-passado.html>

Portilho, O. (2023, 17 de fevereiro). Carnavais artificiais. *UOL*. <https://www.uol.com.br/nossa/reportagens-especiais/carnavais-artificiais/#cover>

Nora, P. (1997). *Le lieux de mémoire*. Quarto Gallimard.

- Regis, F. (2012). *Nós, ciborgues: Tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina* (1ª ed.). PUCPRes - Editora Universitária Champagnat.
- Sanglard, F. N. (2017). *Verdades possíveis: O jornalismo brasileiro e as narrativas sobre a ditadura durante o funcionamento da Comissão Nacional da Verdade* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Santaella, L. (2023). *A inteligência artificial é inteligente?* Edições 70.
- Sarttori, B. (2024, setembro 4). Este ano, o “Castelo Rá-Tim-Bum” comemorou 30 anos de estreia na TV Cultura. [Imagem]. *Instagram*.
https://www.instagram.com/p/C_fpS9EsWIP/?img_index=1
- Silva, T. (2022). *Racismo algorítmico: Inteligência artificial e discriminações nas redes sociais*. Edições Sesc São Paulo.
- Torres Menárguez, A. (2024, junho 18). Inteligência artificial inventa e distorce memória do Holocausto, diz Unesco, que alerta para impacto entre jovens. *O Globo*. Recuperado 10 de março de 2026, de
<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/06/18/inteligencia-artificial-inventa-e-distorce-memoria-do-holocausto-diz-unesco-que-alerta-para-impacto-entre-jovens.ghtml>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio recebido (Código de Financiamento 001).